

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO MEDICINA

NATÁLIA MENEGASSI PEDRINI

**TRAJETÓRIA NA MEDICINA UFSCAR EM  
DESENHOS**

SÃO CARLOS -SP  
2024

NATÁLIA MENEGASSI PEDRINI

**TRAJETÓRIA NA MEDICINA UFSCAR EM DESENHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Departamento de  
Medicina da Universidade Federal de  
São Carlos, para obtenção do título de  
bacharel

Orientadora: Cristina Helena Bruno

São Carlos-SP  
2024

## RESUMO

O presente documento é o trabalho de conclusão de curso de uma aluna do curso de medicina na Universidade Federal de São Carlos. Por meio de desenhos autorais realizados ao longo de toda a graduação, a estudante realiza uma narrativa crítico-reflexiva e relata seus pensamentos e sentimentos vividos ao longo do processo de formação médica.

**Palavras chave:** Trabalho de Conclusão do Curso. Medicina. Narrativa crítico-reflexiva.

## **ABSTRACT**

This document is the course completion work of a medical student at the Federal University of São Carlos. Through authorial drawings made throughout the course, the student creates a critical-reflective narrative and reports on their vivid thoughts and feelings throughout the medical training process.

**Keywords:** Course Conclusion Work. Medicine. Critical-reflective narrative.

## SUMÁRIO

<b>1. JUSTIFICATIVA</b>	<b>6</b>
<b>2. TUDO QUE ERA, TUDO QUE ME MOLDAVA.</b>	<b>7</b>
<b>3. A VITÓRIA?</b>	<b>9</b>
<b>4. A PRÓXIMA FASE</b>	<b>10</b>
<b>6. O FIM</b>	<b>15</b>
<b>7. A VIDA</b>	<b>18</b>

## 1. JUSTIFICATIVA

A arte sempre esteve comigo, uma forma de colocar para fora tudo que te enche, um transbordar de sentimento e de dor... e de felicidade... e de amor. Seja pela dança, por desenhos ou por textos, aprendi meu próprio idioma e com ele atravessei as diferentes fases da minha vida.

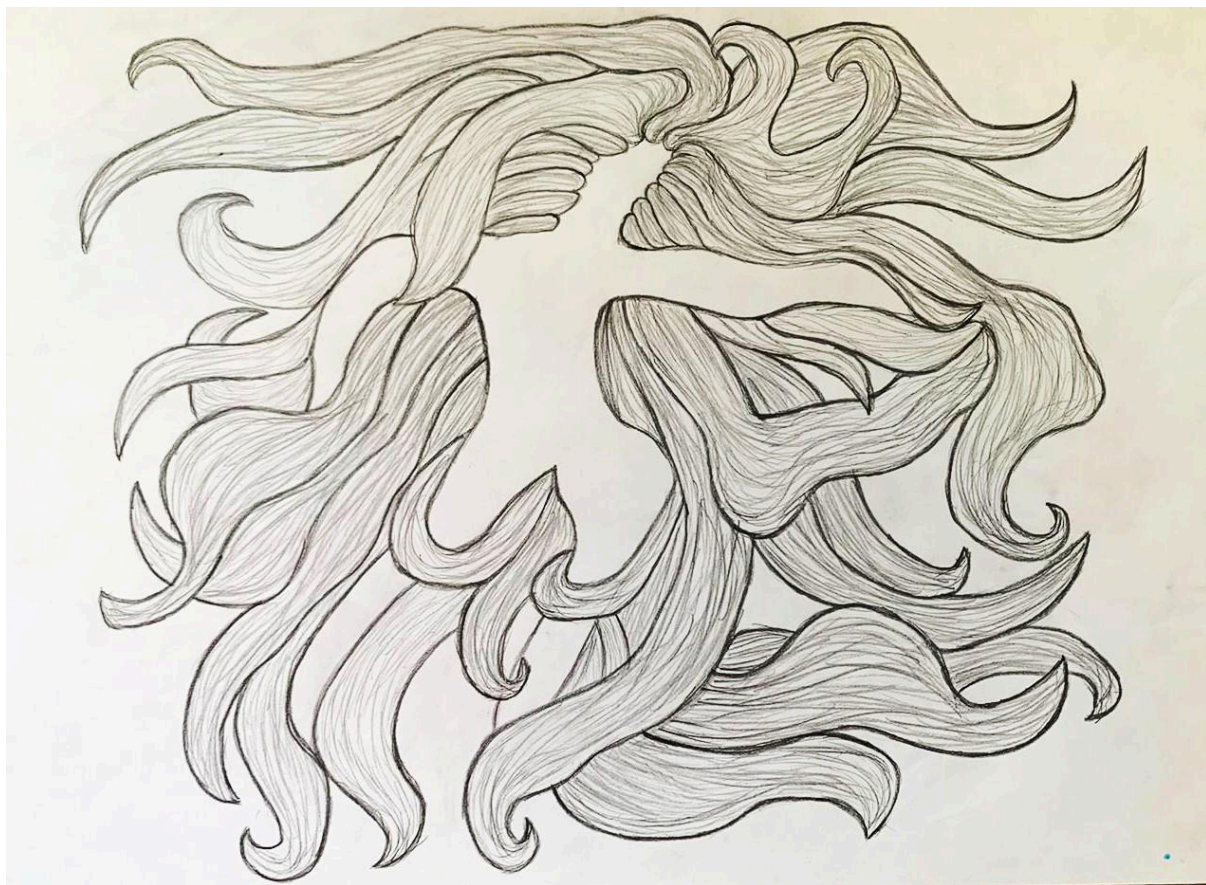
A medicina é a mesma para todos, os livros são os mesmos, o método é o mesmo. Ele está escrito em um pedaço de papel em algum lugar e tratamos como bíblia por alguns anos. Ainda assim nos tornamos pessoas completamente diferentes. Por algum motivo minha jornada é outra, meus aprendizados são outros. Claro, sei como manejar uma pneumonia como todos, mas a forma como faço isso é completamente diferente.

Não existe uma maneira fácil de resumir em arial 12 e parágrafos estruturados tudo que me pulsou nesses 6 anos. O que vivi e senti são imagens, retratos, sentimentos e a tradução deles não seria fidedigna. Trago então minha jornada através da arte, da minha própria, sem regras ou traços perfeitos e teorias ou técnicas, a simples expressão do meu viver.

Um resumo de tudo que me trouxe aqui.

## 2. TUDO QUE ERA, TUDO QUE ME MOLDAVA.

Imagem 1 - Tudo que eu sou.



Fonte: Elaborado pela autora.

Gostaria de dizer que tinha uma imagem romântica sobre como seria lindo salvar vidas, ajudar ao próximo, transformar histórias. Ou até mesmo algo maduro e responsável, como uma escolha relacionada às condições de trabalho, a ampla gama de carreiras a serem seguidas. Mas como a maioria das pessoas de 15 anos, eu não tinha essas visões, descobri que queria medicina baseada numa ideia um tanto quanto fantasiosa da profissão. Meus pais diziam que eu precisava fazer algo que me encantasse o suficiente para que tivesse prazer em acordar e ir trabalhar. Eu só sabia que ia dormir sonhando em acordar médica.

Como é possível você desejar tanto uma coisa que não conhece? Querer sentir desesperadamente algo que nunca sentiu? Querer estar em lugares que nunca esteve? Somos tomados por uma ideia, mais do que uma profissão, a medicina é uma conquista, como um jogo, e nos convencemos de que venceremos ele com a palavra mágica: APROVADA!

Seria possível iniciar esse memorial a partir do primeiro dia de aula, do primeiro encanto com as árvores do caminho para a área norte, e as primeiras impressões de um campus ainda tão estranho, como uma palavra nova que se tenta entender o significado. Se estivesse escrevendo isso em 2017 seria impossível para mim entender que minha formação havia começado nas manhãs sonolentas no cursinho, nas questões e mais questões sobre a independência do Brasil e incansáveis valores de X encontrados. Hoje sei que não é possível cortar o passado a cada fase nova, como um novo corte de cabelo a cada fase da vida. Somos o emaranhado de ideias, fios, decisões, sonhos, medos, erros e confusões que já passamos, carregamos todo o caos que nos pertence e fazemos dele aquilo que conseguimos.

E foi assim que atravessei essa fase, uma forma confusa, um protótipo de pessoa que se fez do emaranhado de ideias e conjunto de pessoas que estiveram comigo, algo que não estava pronto ainda. Mas ficaria! Eu só precisaria passar por essa fase.



### 3. A VITÓRIA?

Imagem 2 - A vitória?



Fonte: Elaborado pela autora.

Passar no vestibular de medicina é um processo, uma jornada: primeiro você vai bem nos simulados, depois faz uma boa prova, tem uma boa pontuação extra oficial, o gabarito oficial sai e você realmente tem uma boa pontuação, a redação sai e você realmente tem uma chance, o SISU chega e no primeiro, segundo, terceiro



dia você está na lista de chamada, você vai manifestar interesse, bom, tem apenas 2 na sua frente, você vai entrar. Você é convocada, vai fazer a matrícula, eles vão analisar seus documentos e meses após o início do processo você está dentro.

A jornada é longa, cheia de dúvidas, incertezas, “mas e se...”, é difícil comemorar a cada etapa, até a última, tudo é cinza até que:

- Você é de que curso?
- Medicina
- Aqui, mais uma, vem gente! Podemos te pintar? Como você se chama? Joga alguma coisa? Quer comprar nosso kit?

Eu consegui! Tudo o que vivi me trouxe aqui, e agora eu posso finalmente existir! Agora eu pertencço! Agora eu sou!

#### 4. A PRÓXIMA FASE

Imagem 3 - A próxima fase



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao entrar na faculdade, primeiro nos é perguntado: por que medicina? Por que a UFSCar? Eu não tenho uma resposta para isso. Eu simplesmente queria voar, pousei aqui e aqui fiquei.

Diferente de muitos, o PBL me motivou a estar aqui. No auge dos meus 18 anos tinha certeza que seria capaz de aprender tudo que quisesse por conta própria, no meu processo individual, no auge da minha ignorância achei que isso era o significado de uma metodologia ativa.

A rotina me mostrou o contrário, de uma forma bem doída. A vida, ela ainda acontece enquanto você vive “seu sonho”, a internet precisa ser instalada, você precisa ir até a faculdade de alguma forma e o ônibus não é programado para seu horário de aula, e o uber não havia sido inventado, e andar cansa, e você precisa de amigos, e você percebe que está sozinha numa kitnet de 30m<sup>2</sup>, e que as duas coisas são difíceis demais e tudo que você conhece, tudo que te formou está a 1000 km de distância, e tudo que pensou ser, não é. E seu sonho, seu lindo sonho, ele é difícil, talvez difícil demais.

O PBL te derruba para te construir. Na aula magna do curso o professor Ubiratan nos disse que ao invés de aprendermos a nadar fora da água e sermos jogados na piscina no final, aprenderíamos a nadar no raso, progrediríamos aos poucos. Isso infelizmente não me impediu de tomar uns bons caldos pela jornada.

A transição é complexa, a sensação de fracassar e ser insuficiente é constante. Todas as palavras que antes eram só palavras se enchem de significado, de uma hora para outra todas elas têm um peso, como uma antonomásia. “Situação problema” é a SP, também existe a ES, a RP, a ACC, a ADPEA, a AD... Você mergulha nessas infinitas siglas, quase como um novo idioma e, sem perceber, você se sente uma estrangeira para todo o resto do mundo.

Só te resta a medicina, mas não tem problema, você quis estar aqui, aproveite! Existem mais 239 pessoas vivendo isso com você, e isso poderia significar que existem 239 pessoas que te entendem e compõem sua rede de apoio, como aprendemos na RP, mas a verdade é que somos apenas almas que se encontram, carregando defeitos, qualidades e preenchidos por medos, angústias. Nem sempre somos o melhor que podemos ser, e muitas vezes nos ferimos. E muitos eu feri.

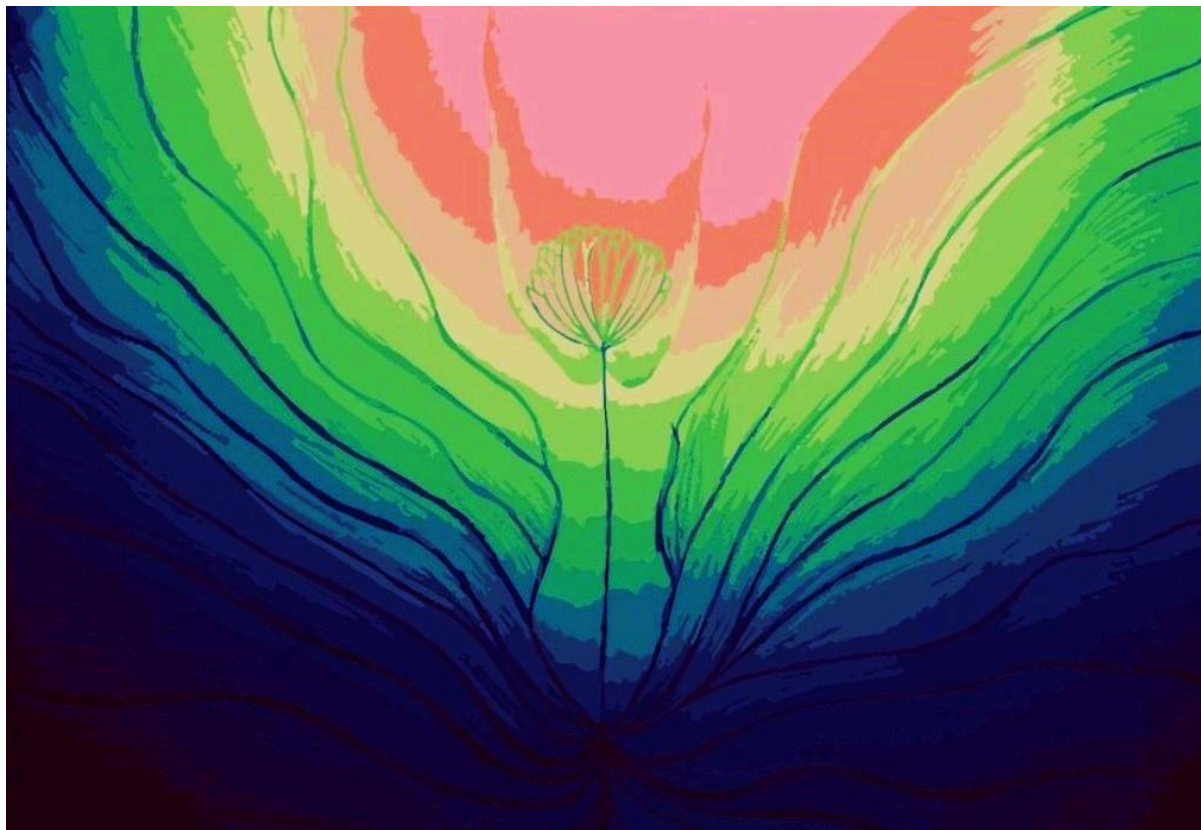
Eu não estava pronta para o meu sonho, e isso me doeu muito. Tanto corri, esqueci de viver, tanto fugi, esqueci que não é possível fugir de si mesma.

O caos te persegue, mesmo a 1000 km porque ele não está nos outros, está em você. É preciso fazer as pazes com isso, antes de tudo. O que me forma não é uma conquista, é tudo, e eu preciso entender cada parte desse tudo.

Vou embora, mas volto.

## 5. RECOMEÇO

Imagem 4 - Recomeço



Fonte: Elaborado pela autora.

Eu aprendi muita coisa quando me forcei para estar longe. Principalmente, aprendi a olhar em volta e viver as diferentes fases da vida, eu ainda tinha pressa, ainda precisava chegar em algum lugar cega e desesperadamente, mas agora eu respirava.

Descobri que existem cores, sabores, cheiros, descobri a complexidade das coisas e a minha própria. Descobri que tudo que eu acreditava estava errado, pela primeira, ou segunda vez, definitivamente não a última, como ia descobrir depois. Mas não me anulei, não me fiz do zero, abracei tudo que sou, com todos os defeitos e qualidades, fiz as pazes comigo mesma, coloquei tudo que aprendi numa mala, mas ao invés de voar, me plantei. E dessa vez, floresci.

Quando você faz cursos como matemática, engenharias, química, a falha é natural, você aprende desde o primeiro semestre que dificilmente passará em cálculo, que “6 é 10”.

No PBL você precisa sempre tirar 10. 10 é 10. Existe essa linda teoria por trás, de que sempre há possibilidade de ser melhor, e que você terá uma chance de

corrigir todos os seus erros e ser satisfatório. Na prática, você tem duas chances para ser perfeito, e isso é desesperador, e com o tempo aprendemos que é impossível. Mas no primeiro ciclo ainda corria atrás disso desesperadamente, cada erro é penoso, é desesperador esperar a ADPEA no final do semestre, satisfatório é um conceito amplo demais. Será que sou mesmo? Meu portfólio precisa ser o melhor, minha resposta na AD precisa ser a mais completa, meu atendimento na ES tem que ser humano, mas técnico, rápido, mas nem tanto, eu tenho que decorar os passos do exame físico, e qual tipo de bactéria causa a tuberculose, saber o ciclo de krebs e a anatomia do coração... nossa, quase que me falta ar.

De novo, sem ar, mas não tinha acabado de aprender a respirar? Será que estou realmente indo para algum lugar? Essa espiral construtivista mais me parece um ciclone, me puxando cada vez mais. Eu só quero seguir a estrada de tijolos amarelos e pedir ao mágico para ser uma boa médica.

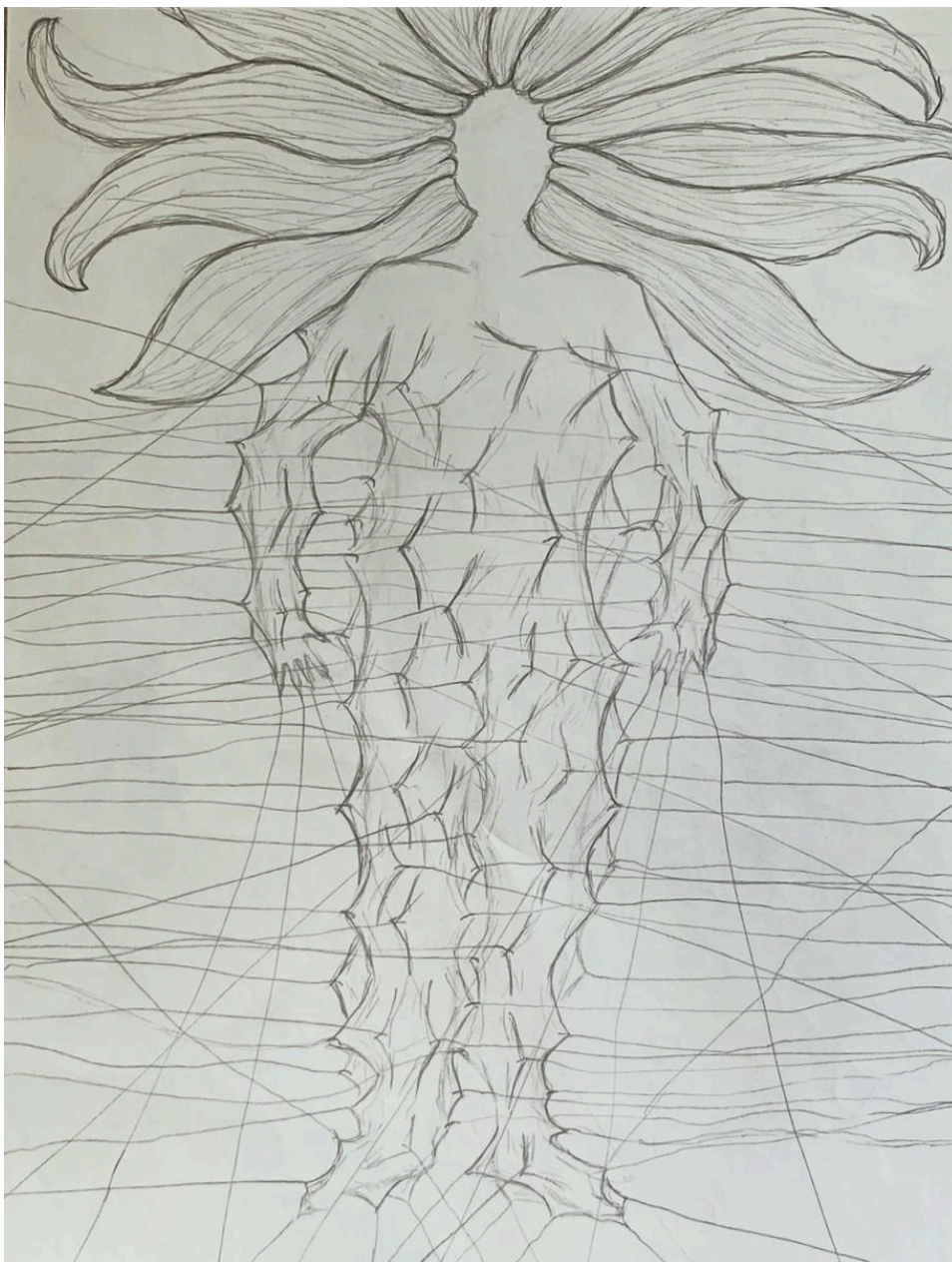
Mas as coisas melhoram no segundo ciclo, você vive mais a medicina, tudo vai fazer sentido, eles falavam. É só esperar.

E é então que você percebe que não acabou, tem mais uma fase, talvez muitas, e você precisa continuar jogando, já está aqui, não é mesmo?



## 6. O FIM

Imagem 5 - O fim



Fonte: Elaborado pela autora.

Tudo vai começar agora, o segundo ciclo tem atendimento na pediatria, você aprende a fazer papanicolau, agora sim é medicina, você vai descobrir sua especialização, vai se encantar.

Tiraram nossas boias e, com a água na altura da cintura, mergulharemos. Eu cheguei...

Para!

Tirem todos da água, voltem ao solo. Fechem tudo, não é seguro.

A pandemia tirou muito. Deixou vazios inimagináveis na vida de todos. De uma hora para outra o luto estava em todos os lugares, em todas as coisas. Logo para nós, que aprendemos a pouco tempo as 5 fases dele, aprendemos a atender pacientes que o tinham. Logo nós que sabíamos tanto sobre, não sabíamos nada.

Tudo é um grande borrão pra mim, de alguma forma todos voltamos correndo para nossas casas, e lá permanecemos por apenas 1 semana, apenas 1 mês, quando se viu era apenas 1 ano.

Congelados no tempo, permanecemos até que decidissem o contrário.

Tivemos um ano para colocar toda a matéria em dia, finalmente decorar o ciclo de Krebs, finalmente saber tudo das bactérias e a tal da anatomia que “vem naturalmente, não precisa de laboratório”. Não fizemos.

Tivemos um ano para aprender a cozinhar, tricotar, pintar, fazer marcenaria, construir coisas. Não fizemos.

Tivemos um ano para meditar, fazer ioga, treinos em casa, olhar para dentro e nos conhecermos melhor, encontrar a paz interior e a sabedoria universal. Obviamente também não fizemos.

Ficamos apenas ali, presos nas janelas de gelo, observando as pessoas irem embora, paralisados de medo de sermos os próximos, vimos novas variantes e vacinas e a salvação, vimos todos voltarem, observamos a vida recomeçar, e a UVV voltar, e a EMESCAM, e, olha, a USP voltar, enquanto isso ficávamos. Aprendemos a fazer exame oftalmológico online, a nos paramentar para cirurgias online, recepcionar bebês, identificar lesões de pele, tudo online.

Em 2022 juntamos todos os nossos pedaços e voltamos com planos tão mirabolantes que até Juscelino Kubitschek se impressionaria.

Tudo que o segundo ciclo era pra ser, não foi. Atendi 3 crianças. Estabeleceram mínimos, “ao menos 10 atendimentos na SAI”, “ao menos 2 papanicolau cada um”. A turma XIII teve o 3º ano. A turma XIV teria o 4º. Mas nós tivemos que nos contentar com o mínimo.

No final, eu não sabia mais nem onde estava, nem para onde estava indo. Talvez exista caos demais em mim, mais do que poderia aguentar. Talvez, mesmo que eu quisesse muito, não seria capaz de acabar esse jogo. E o que sou sem ele? Talvez, se não tivesse a pandemia. Se ao menos meus colegas, que falam o mesmo idioma que eu, que viveram tudo como eu, entendessem. Mas a verdade é que ainda éramos apenas almas que se encontraram por acaso, carregamos mais e



mais defeitos, e fomos completamente preenchidos por mais medos e angústias. Não fomos o melhor que poderíamos ser, e muitas vezes nos ferimos.

As coisas se perderam nos significados, não havia mais sentido. Eu sonhava com algo que não é real, estava cansada de querer chegar ao fim de um jogo. Qual o prêmio final? Se é que realmente tem fim...

## 7. A VIDA

Imagem 6 - A vida



Fonte: Elaborado pela autora.

Demorei um tempo para entender a dinâmica do internato, 40, 50 horas de trabalho por semana, plantões de 18h, o desespero para saber mais, saber tudo. Você encara a sua ignorância, lida com tantos fracassos, é difícil, é cansativo. Você precisa estar lá, com sono, com febre, vomitando, é sádico, mas é isso que você faz, o relógio desperta todos os dias às 6h e você vai. Chega em casa às 23h, às 2h, o dia seguinte vai começar você estando nele ou não, e é melhor que você esteja.

Os professores te colocam num quarto com pessoas de verdade, com problemas de verdade, e você corre desesperadamente por todo caminho da espiral construtivista procurando a resposta para todos os problemas, de todo mundo. De todo o mundo.

Mas você não tem. Você não sabe nada. E quer saber, algumas pessoas podem até saber mais. Mas ninguém nunca vai saber tudo. E está tudo bem.

O internato te tira da faculdade e coloca na vida. Te tira de dentro de você e te coloca para ver o outro. Nos meus vinte e poucos anos eu ensino para donas marias que viveram 3 vidas minhas, ou mais, algo que ela não sabe, e isso só funciona quando eu também aprendo tudo que ela pode me ensinar.

No momento que eu percebi isso, tirei a velocidade 2x da minha vida e só olhei envolta. Para meu grupo de internato, e o que podiam me ensinar. Para meus professores, e principalmente, para os pacientes. Eu me viquei na medicina e finalmente mergulhei nela. Não é nada parecido com o que eu sonhei aos meus 15 anos e pensei ter lutado tanto para chegar, é só a vida, como ela é. Complexa, às vezes chata, às vezes injusta, cansativa. Mas às 6 da manhã você levanta, porque ela continua, e em algum momento do dia você vai ser grata por isso.

No meu último ano eu escolhi viver cada dia. Eu escolhi treinar handebol, conhecer as pessoas, cada uma com seus idiomas próprios. Eu escolhi cozinhar na sexta à noite, ver uma série muito legal até o fim. Eu escolhi dormir pouco, se fosse preciso para cumprir com todos os meus desejos e as minhas obrigações. Eu escolhi dançar depois das minhas derrotas, guardar todas as vitórias comigo. Aprender tudo o que eu posso, muito além do ciclo de Krebs, mas também ele, não tem problema não ter decorado ainda, tem um resumo legal no upToDate ou algo do tipo, você vai lembrar.

O próximo passo óbvio é a residência, e eu quero muito estar lá, mas mais do que isso, eu quero chegar lá, e estar presente em todo o caminho.

A medicina não é um jogo, uma conquista, é só uma parte da minha vida, como várias outras, e eu realmente escolho viver ela todos os dias, como meus pais disseram.

Que sorte a minha que todos os meus erros me trouxeram aqui.